**O CAVALO PERDIDO**

Primeiro se via todo o branco: as capas grandes do piano e do sofá e outras menores, nas poltronas e cadeiras. E debaixo estavam todos os móveis: sabia-se que eram pretos porque onde terminavam as saias se viam os pés. Uma vez em que eu estava sozinho na sala, levantei a saia de uma cadeira: e soube que, embora a madeira fosse toda preta, o assento era de um tecido verde e lustroso.

Como foram muitas as tardes em que nem minha avó nem minha mãe me acompanharam à aula e quase sempre Celina – minha professora de piano quando eu tinha dez anos – tardava a chegar, tive bastante tempo para travar uma relação íntima com tudo o que havia na sala. Claro que quando Celina chegava, eu e os móveis nos comportávamos como se nada tivesse acontecido.

Para chegar à casa de Celina, eu tinha que dobrar, antes, uma rua em geral silenciosa. E já vinha pensando em atravessar essa rua na direção de umas árvores altas. Quase sempre interrompia bruscamente este pensamento para ver se vinha algum veículo. Em seguida olhava as copas das árvores, sabendo, antes de entrar na sombra, como eram os troncos, como saíam de amplos quadrados de terra de que, timidamente, algumas lajes se aproximavam. No começo, os troncos eram muito grossos: já haviam calculado até onde iam subir e o peso que teriam de aguentar, pois as copas estavam carregadíssimas de folhas escuras e grandes flores brancas, que enchiam tudo com um cheiro muito forte, porque eram magnólias.

No instante de chegar à casa de Celina, eu tinha os olhos cheios de tudo o que tinham juntado pela rua. Ao entrar na sala, lançando de repente em cima deles as coisas brancas e pretas que havia ali, parecia que tudo o que os olhos traziam se apagaria. Mas quando me sentava para descansar – nos primeiros momentos não me metia com os móveis porque temia o inesperado numa casa alheia – então mas coisas da rua voltavam a meus olhos e tinha de passar um tempo até que elas repousassem no esquecimento.

O que nunca dormia de todo era uma certa ideia de magnólias. Embora as árvores onde viviam tivessem ficado no caminho, elas estavam por perto, escondidas atrás dos olhos. E eu de repente sentia que um ar caprichoso, vindo do pensamento, as tinham empurrado, tornando-as presentes de algum modo, e agora as espalhava entre os móveis da sala, e elas se confundiam com eles.

Por isso, mais adiante – e apesar dos momentos de angústia que passei naquela sala -, nunca deixei de olhar os móveis e para as coisas brancas e pretas com algum resplendor de magnólias.

As coisas que eu trazia da rua ainda não haviam dormido, e já me achava caminhando na ponta dos pés – para que Celina não percebesse – e disposto a violar algum segredo da sala.

A princípio, ia em direção a uma mulher de mármore e passava-lhe os dedos pela garganta. O busto estava colocado numa mesinha de pés longos e frágeis; nas primeiras vezes ela cambaleava. Eu tinha agarrado a mulher pelo cabelo com uma mão para acaricia-la com a outra. Subentendia-se que o cabelo não era de cabelo, mas de mármore. Porém, a primeira vez que pus a mão em cima dela para me assegurar de que não se moveria, produziu-se um instante de confusão e esquecimento. Sem querer, ao acha-la parecida com uma mulher real, eu tinha pensado no respeito que lhe devia, nos atos que correspondiam ao trato com uma mulher real. Foi então que tive o momento de confusão. Mas depois sentia o prazer de violar uma coisa séria. Naquela mulher se confundia algo conhecido – a semelhança com uma de carne e osso, o fato de saber que era de mármore e outras coisas de menor interesse -; e algo desconhecido – o que tinha de diferente das outras, sua história (eu supunha vagamente que a teriam trazido da Europa – e suponha a Europa ainda mais vagamente -, em que lugar estaria quando a compraram, os que a tocaram etc.) – e sobretudo o que tinha a ver com Celina. Mas no prazer que eu sentia, acariciando- lhe o pescoço, confundiam-se muitas coisas mais. Os olhos desiludiam-me. Para imitar a íris e a menina tinham perfurado o mármore, e pareciam os olhos de um peixe. Causava incômodo que não tivessem se dado ao trabalho de imitar os risquinhos do cabelo: aquilo era uma massa de mármore que esfriava as mãos. Quando o seio já ia começar, o busto acabava, e surgia um cubo em que toda a figura se apoiava. Além disso, no lugar em que ia começar o seio, havia uma flor tão dura, que se alguém passasse os dedos depressa podia se cortar. (Também não achava graça em imitar uma dessas flores: havia montões delas em qualquer um dos canteiros do caminho.)

Depois de olhar e tocar a mulher por algum tempo, também se produzia em mim uma lembrança triste de saber como eram os pedaços de mármore que imitavam os pedaços dela; e já se haviam desfeito bastante as confusões entre o que era ela e o que seria uma mulher real. Contudo, na primeira oportunidade de ficarmos a sós, lá se iam meus dedos rumo à garganta dela. E até havia chegado a sentir, em momentos em que outras pessoas nos acompanhavam – quando mamãe e Celina falavam de coisas chatíssimas -, certa cumplicidade com ela. Olhando-a de mais longe e como que de passagem, tornava a vê-la inteira e a ter um instante de confusão.

**\***

Dentro de um quadro havia duas ovais com as fotografias de um casal de parentes de Celina. A mulher tinha a cabeça inclinada bondosamente, mas a garganta, aumentada, me fazia pensar num sapo. Uma das vezes em que olhava para ela, fui atraído, não sei como, pelo olhar do marido. Por mais que o observasse com o rabo do olho, ele sempre me olhava de frente e no meio dos olhos. Até quando eu caminhava de um lugar para outro da sala e tropeçava numa cadeira, seus olhos se dirigiam ao centro de minhas pupilas. E era fatalmente eu quem tinha que baixar o olhar. A esposa expressava doçura não só com a inclinação, mas com todas as partes da cabeça: até com o penteado alto e a garganta de sapo. Deixava que todas as suas partes fossem boas: era como uma grande sobremesa, gostosa por qualquer lado que se provasse. Mas havia algo que ela não somente deixava que fosse bom, mas que estava dirigido a mim: isso estava nos olhos. Quando eu tinha a preocupação de não poder olhar para ela à vontade porque ao lado estava o marido, os olhos dela tinham uma expressão e uma maneira de entrar nos meus que equivalia a me aconselhar: “não ligue para ele, eu te entendo, meu querido”. E aqui começava outra de minhas preocupações. Sempre achei que as pessoas boas, as que mais me queriam, nunca me compreenderam; nunca se deram conta de que eu as traía, de que pensava mal delas. Se aquela mulher tivesse estado presente, se ainda tivesse se conservado jovem, se tivesse tido essa doença do sono em que as pessoas permanecem vivas sem perceber quando são tocadas, e se tivesse ficado sozinha comigo naquela sala, com certeza eu teria tido curiosidades indiscretas.

Quando sem querer eu caía sob o olhar do marido e baixava rapidamente a vista, sentia contrariedade e incômodo. E como isto aconteceu várias vezes, ficou nas minhas pálpebras a lembrança de baixá-los e a angústia de sentir a humilhação. De modo que quando me encontrava com os olhos dele, já sabia o que me esperava. Às vezes aguentava o olhar por um momento para me dar tempo de pensar como faria para tirar o meu rapidamente sem me sentir humilhado: ensaiava tirá-lo para um lado e olhar de repente para a moldura do quadro, como se estivesse interessado em sua forma. Mas, embora os olhos olhassem para a moldura, a atenção e a lembrança imediata que seu olhar havia me deixado me humilhavam ainda mais; e, além disso, pensava que tinha de preparar uma armadilha para mim mesmo. Uma vez, entretanto, consegui me esquecer um pouco do olhar dele ou de minha humilhação. Havia retirado rapidamente o olhar dos olhos dele e o fixara em seu bigode. Depois do engrossamento negro que ele formava em cima da boca, avançava para os lados em linha reta e assim continuava por um bom trecho. Então pensei nos dedos de minha avó: eram gordos, rechonchudos – uma vez ela se espetou e saltou um jato de sangue até o teto – e as pontas daquele bigode pareciam ter sido retorcidas por ela. (Ela passava um bom tempo retorcendo com os dedos suados a linha preta para que entrasse na agulha; e como enxergava mal, para ver melhor inclinava a cabeça para trás e separava demais a linha e a agulha dos olhos, e aquilo não terminava nunca.) Aquele homem também devia ter passado muito tempo retorcendo o bigode; e enquanto fazia isso e olhava fixo, quem sabe que espécie de ideias teria.

**\***

Embora os segredos das pessoas mais velhas pudessem se achar em meio a seus atos ou conversas, eu tinha meu jeito predileto de escarafunchá-los: era quando essas pessoas não se achavam presentes e eu podia encontrar algo que tivessem largado ao passar; podiam ser rastros, objetos esquecidos ou simplesmente objetos que teriam deixado arrumados durante sua ausência – e sobretudo os que tivessem deixado desarrumados por pressa. Mas sempre objetos que tivessem sido usados num tempo anterior ao que eu observava. Eles teriam entrado na vida dessas pessoas, fosse por acaso, por escolha secreta ou por qualquer outra causa desconhecida; o importante era que teriam começado a desempenhar alguma função ou significariam algo para quem os utilizava e que, no instante em que esses objetos já não acompanhassem essas pessoas, eu aproveitaria para descobrir seus segredos ou os rastros de seus segredos.

**\***

Na sala de Celina havia muitas coisas que me provocavam o desejo de procurar segredos. Já o fato de estar só num lugar desconhecido era uma delas. Além disso, saber que tudo o que havia ali pertencia a Celina, que ela era tão severa e que reprimiria tão fortemente seus segredos, acelerava em mim uma estranha emoção, o desejo de descobrir ou violar segredos.

A princípio, eu tinha olhado os objetos distraidamente; depois me interessei pelos segredos que os objetos pudessem ter em si mesmos; e de súbito eles me sugeriam a possibilidade de ser intermediários de pessoas mais velhas; eles – ou talvez outros que eu não olhava nesse momento – podiam ser encobridores ou estar implicados em atos misteriosos. Então me parecia que um fazia um sinal secreto para outro, que um outro ficava quieto, bancando o dissimulado, que outro devolvia o sinal ao que o havia apontado primeiro, até que por fim me cansavam, pregavam peças, tramavam acordos entre si, e eu ficava sem graça. Deve ter sido num desses momentos que me chamaram a atenção, como que de passagem, as insinuantes ondulações das curvas das mulheres. E assim devo ter me sentido navegando em algumas ondas, até que interferiu depois o olhar daquele marido. Mas quando já havia sido chamado várias vezes e de diferentes lugares da sala pelos diferentes personagens que nesse meio-tempo me faziam perder o jeito, me defrontava com o fato de que no princípio havia estado orientado por um segredo que me interessava mais, e depois fora interrompido e entretido por outro segredo inferior. Talvez andasse mais bem encaminhado quando levantava a saia das cadeiras.

**\***

Certa vez minhas mãos se deixavam ir para as saias de uma cadeira e foram detidas pelo ruído forte da porta que dava para o saguão, por onde Celina entrava apressada quando vinha da rua. Só tive tempo de recolher as mãos, quando ela chegou até mim, como de costume, e me deu um beijo. Esse costume foi impiedosamente suprimido uma tarde, na hora de nos despedirmos; ela disse à minha mãe algo assim: “Este cavalheiro já está ficando grande e será preciso dar-lhe a mão”. Celina trazia seu corpo alto e delgado severamente ajustado em traje negro, como se tivesse passado as mãos muitas vezes por cima das curvas que o espartilho fazia para que não ficasse a menor ruga no pano grosso do vestido. E assim havia continuado até em cima, afogando-se com uma gola que lhe chegava até as orelhas. Depois vinha a cara muito branca e o cabelo muito preto, formando um penteado redondo como o de uma rainha que eu havia visto numas moedas, e que parecia um grande pudim queimado.

**\***

Eu mal começava a digerir a surpresa da porta, da entrada de Celina e do beijo, quando ela voltava a aparecer na sala. Mas em vez de vir em traje negro, severamente justo, tinha posto um penhoar branco de tecido ligeiro e engomado, com mangas curtas, em forma de sino e babados. Do babado saía o braço com o pano preto do vestido que trazia da rua, apertado até os punhos. Isto se dava no inverno; mas no verão, daquele mesmo penhoar surgia o braço completamente nu. Ao aparecer por entre os babados endurecidos pela goma, eu já pensava numas flores artificiais que uma senhora fazia perto de casa. (Uma vez mamãe parou para conversar com ela. Tinha um corpo volumoso, de uma gordura jovial; e visto da calçada, quando ela estava parada na soleira da porta, parecia imenso. Minha mãe lhe disse que me levava para a aula de piano; então ela, um pouco agitada, lhe respondeu: “Eu também comecei a estudar piano; e estudava que estudava, e nunca via avanço, não via o resultado. Em compensação, agora que faço flores e frutas de cera, posso vê-las... tocá-las... é alguma coisa, a senhora compreende”. As frutas eram grandes bananas amarelas e maçãs encarnadas. Ela era filha de um carvoeiro, muito branca, loira, com uns cachinhos naturalmente vermelhos, e as frutas de cera pareciam filhas dela.)

Num dia de inverno minha avó me acompanhou na aula; ela tinha visto sobre as teclas brancas e pretas minhas mãos de menino de dez anos, arroxeadas de frio, e lhe ocorreu aquecê-las com as dela. (No dia da aula perfumava-as com água-de-colônia – misturada com água simples, que ficava de uma cor leitosa como a orchata. Com essa mesma água fazia bochechos para dissimular o cheiro dos charutos que vinham em pacotes de vinte e cinco e tanta raiva lhe causavam, se meu pai não os conseguia para ela exatamente da mesma marca, tamanho e gosto.)

**\***

Como estávamos no inverno, logo era noite. Mas as janelas não a viram entrar: tinham ficado distraídas, contemplando até o último momento a claridade do céu. A noite subia do assoalho e por entre os móveis, onde as almas negras das cadeiras se espalhavam. E então as capas brancas começavam a flutuar tranquilas, como pequenos fantasmas inofensivos. De repente Celina se punha de pé, acendia um pequeno abajur e o enganchava, por meio de uma mola, num candelabro do piano. Minha avó e eu, ao nos aproximarmos, nos enchíamos de luz como se tivessem nos derramado em cima um montão de palha transparente. Em seguida Celina ajeitava o quebra-luz e sua cara carregada de pó já não era tão branca como uma aparição, nem eram tão crus seus olhos, nem seu cabelo, pretíssimo.

**\***

Quando Celina estava sentada ao meu lado, eu nunca me atrevia a olhar para ela. Endurecia o corpo como se estivesse sentado numa carreta coberta, com o freio travado e diante de um cavalo. (Se fosse lerdo, seria castigado para que se apressasse; se fosse brioso, talvez disparasse desbocado, e então as consequências seriam piores.) Somente quando ela falava com minha avó e apoiava o antebraço na madeira do piano eu aproveitava para espiar-lhe a mão. E ao mesmo tempo os olhos já haviam se fixado no pano negro da manga que lhe chegava até a munheca.

**\***

Nós três havíamos nos aproximado da luz e dos sons (ou melhor, da espera dos sons, porque eu os produzia com angustiosos espaços de tempo e sempre se esperavam mais e quase nunca se satisfazia de todo a espera e éramos três cabeças que trabalhavam lentamente, como nos sonhos, e na dependência de meus pobres dedos.) Minha avó havia ficado atrás, na penumbra, porque não tinha aproximado sua poltrona o bastante e parecia suspensa no ar. Com sua gordura – coberta com uma eterna bata cinza de golinha de veludo preto – cobria todas as partes da poltrona: sobrava apenas um pouco de espaldar dos lados da cabeça. A penumbra disfarçava suas rugas – as das faces eram redondas e separadas como as que uma pedra faz ao cair numa lagoa; as da testa eram direitas e aumentadas como as que um pouco de vento faz quando passa sobre a água parada. A cara redonda e boa convinha muito bem à palavra “avó”; foi ela quem me fez pensar na redondez dessa palavra. (Se algum amigo tinha um avó de cara magra, o nome de “avó” não lhe caía bem e talvez não fosse tão boa quanto a minha.)

**\***

Em muitos momentos da aula, minha avó permanecia acomodada e como que guardada na penumbra. Era mais minha do que de Celina; mas naqueles momentos ocupava o espaço escuro de algo por demais sabido e esquecido. Outras vezes ela intervinha espontaneamente, movida por pensamentos que eu nunca podia prever, mas que, mal ela os dizia, eu reconhecia como seus. Alguns desses pensamentos eram abstrusos e para comunicá-los escolhia palavras ridículas – sobretudo quando se tratava de música. Quando já havia repetido muitas vezes essas mesmas palavras, eu as ignorava, e me eram tão indiferentes quanto objetos que eu tivesse deixado em meu quarto muito tempo antes; de repente, ao encontrá-los num lugar mais importante, eu me irritava, pois acreditava descobrir o engano de que eles pretendessem parecer novos sendo velhos, e porque me incomodava sua insistência, a intenção de tornar a se mostrarem para que os visse melhor, para que me convencesse de seu valor e me arrependesse da injustiça de não tê-los considerado desde o princípio. No entanto, é possível que nela pensasse coisas diferentes e que, apesar do esforço para dizer algo novo, esses pensamentos viessem se resumir, afinal, nas mesmas palavras, como se me mostrasse sempre um mesmo jarrão e eu não soubesse que dentro tivesse posto coisas diferentes. Às vezes parecia que ela se dava conta, depois de ter dito a mesma coisa, de que não só não dizia o que queria, mas repetia sempre o mesmo. Então era ela que se irritava e dizia aos tropeções, querendo ser irônica: “preste atenção no que diz a professora; não vê quem ela sabe mais do que você?”.

**\***

Em casa de Celina – embora ela não estivesse presente – os arroubos de minha avó não eram perigosos. Algo havia naquela sala que os esfriava a tempo. Além disso, aquele era um lugar em que não só eu devia mostrar educação, mas também ela. Tinha um coração bondoso e achava graça em muitas de minhas atitudes. Embora o estilo de minhas atitudes fosse o mesmo, pareciam-lhe novas se eu as produzia em situações distintas e de distintas formas: agradava-lhe reconhecer em mim algo já sabido e algo diferente ao mesmo tempo. Ainda a vejo rir, com a barriga saltitante debaixo de um avental, fazendo saltar entre seus dedos um papel verde untado de grude que ela ia envolvendo num arame enquanto fazia cabos para flores artificiais – aqueles cabos ficavam grossos demais, grotescos, crescidos com as pelotonas de grude e desproporcionais à flores. Além disso, saltava-lhe o lenço que trazia na cabeça e um toco de charuto que sempre tinha na boca. Mas seu coração também era dado à ira. Sua cara ficava então cheia de fogo, de palavrões e de gestos; também seu corpo se enchia de movimentos desajeitados e se endereçava para um lugar onde estava dependurado um rebenque muito lindo, com argolas de prata, que havia sido do marido.

Em casa de Celina, raramente lhe escapava a insinuação de uma ameaça. E muito menos uma palmada: eu podia me sentar tranquilamente ao lado dela. Ainda mais: quando Celina ficava muito severa ou se esquecia de que eu não tinha podido estudar por alguma causa alheia à minha vontade, eu procurava minha avó com os olhos; e se não me atrevia a olhar para ela, chamava sua atenção, pensando fortemente nela e endurecendo meu silêncio. Ela tardava a acudir; por fim eu sentia que vinha em minha direção, como um veículo que avança com lentidão, com esforço, soltando fumaça e fazendo uma quantidade de ruídos esquisitos provocados por um caminho pedregoso. Naqueles instantes, quando apareciam na superfície severa de Celina rugosidades ásperas, quando eu brecava minha carreta e minha avó acudia laboriosa como um aplanadora antiga, parecia que tínhamos sido convidados para um pequeno pesadelo.

**\***

Atravessado sobre as teclas, como um trilho sobre dormentes, havia um longo lápis vermelho. Eu não o perdia de vista, pois queria que me comprassem outro igual. Quando Celina o pegava para anotar no livro de música os números que correspondiam aos dedos, o lápis estava desejando que o deixassem escrever. Como Celina não soltava, ele se mexia ansioso entre os dedos que o sujeitavam, e com seu olho único e pontiagudo olhava indeciso e oscilante de um lado para outro. Quando o deixavam aproximar-se do papel, a ponta parecia um focinho que farejava algo, com instinto de lápis, desconhecido para nós, e observava entre as pernas das notas, buscando um lugar branco onde morder. Por fim Celina o soltava e ele, com movimentos rápidos, como um leitãozinho quando mama, se dependurava vorazmente no branco do papel, ia deixando as pequenas pegadas firmes e acentuadas de seu curto casco negro e mexia alegremente o longo rabo vermelho.

Celina me fazia pôr as mãos abertas sobre as teclas e com seus dedos levantava os meus, como se ensinasse uma ranha a mover as patas. Ela se entendia com minhas mãos melhor do que eu mesmo. Quando as fazia andar com lentidão de caranguejos entre pedrinhas brancas e pretas, de pronto as mãos encontravam sons que encantavam tudo o que havia ao redor do abajur, e os objetos ficavam cobertos por uma simpatia nova.

**\***

Uma vez, ela estava me repetindo uma coisa que minha cabeça entendia, mas as mãos não. Chegou um momento em que Celina se zangou, e vi sua raiva aumentar mais rapidamente do que de costume. Apanhou-me tão distraído, como se eu tivesse esquecido alguma coisa no fogo e de repente sentisse que estava derramando. Na pressa ela já havia pegado aquele lápis vermelho tão lindo, e eu sentia a madeira dele soar contra os ossos de meus dedos, sem me dar tempo de saber que ele me batia. Tinha de prestar atenção em muitas coisas que me assaltavam de uma vez; mas havia começado a aumentar uma dor que não tinha outro remédio senão atender em primeiro lugar. Vinha-me subindo uma insuportável vontade de chorar. Aguentava com todas as minhas forças, enquanto ia caindo sobre mim, nos ouvidos, na cara, na cabeça e por todo o corpo, um silêncio de pesadelo. De tudo aquilo que era o piano, o abajur e Celina com o lápis ainda na mão, me chegava um calor estranho. Naquele momento os objetos tinham mais vida que todos nós. Celina e minha avó tinham ficado quietas e cobertas com o silêncio que parecia vir do escuro da sala junto com o olhar dos móveis. No instante da surpresa, produzira-se em mim um vazio que em seguida começou a se encher com muitas angústias. Depois, eu havia feito um grande esforço para sair do vazio e deixar que se enchesse sozinho. Dei como que um salto para trás, retrocedendo no tempo daquele silêncio, e pensei que também elas estariam sendo recheadas com alguma coisa. Pareceu-me sentir que elas haviam olhado uma para a outra e que esses olhares tinham roçado as minhas costas e queriam dizer: “Foi preciso castigá-lo; mas a falta não é grave; além disso, ele está sofrendo muito”. Mas esta infeliz suposição foi o sinal para que alguém rompesse as represas de um rio. Foi então que o vazio se encheu com meu silêncio. Pela corrente do rio tinha visto vir – e não o reconhecera – um pensamento atrasado. Tinha chegado sigilosamente, se colocado perto e depois explodido. Como era que Celina me batia e me dominava, quando eu é que havia feito a secreta promessa de dominá-la? Fazia muito que eu tinha a esperança de que ela se apaixonasse por mim – se é que já não estava. E aquela suposição de um instante atrás – a de que teria dó de mim – foi a que atraiu e apressou este pensamento antagônico: meu propósito íntimo de dominá-la.

Tirei as mãos do teclado e apertei os punhos contra minhas calças. Ela quis, sem dúvida, evitar que eu chorasse – lembro-me muito bem que não o fiz – e me mandou continuar a lição. Fiquei muito tempo sem levantar a cabeça nem as mãos, até que ela tornou a se zangar e disse: “Se não quer continuar a lição, vai embora”. Continuou falando com minha avó e eu me pus de pé. Mal nos detivemos na porta da rua; a despedida foi curta, e minha avó e eu começamos a atravessar a noite. Logo após passarmos sob umas árvores grandes – as magnólias estavam apagadas – minha avó me ameaçou para quando chegássemos em casa: eu dera espaço para que Celina me castigasse e, além disso, não tinha querido continuar a lição. Pouco me importavam as surras que me dessem. Pensava que Celina e eu havíamos terminado. Nossa história tinha sido bem triste. E não somente porque ela fosse mais velha do que eu – teria uns trinta anos mais.

**\***

Nossas relações tinham começado – como acontece tantas vezes – por um velho vínculo familiar. (Celina estudara piano com minha mãe no colo. Mamãe teria então quatro anos.) Este vínculo já havia se interrompido antes que eu nascesse. E quando as famílias voltaram a se encontrar, entre as novidades que tinham se produzido, estava eu. Mas Celina tinha me inspirado o desejo de que eu fosse para ela uma novidade interessante. A despeito de sua atitude severa e de sua cara que não sorria, me olhava e me dava atenção de um modo que me tentava a examiná-la melhor: era impossível que não tivesse ternura. Ao falar com mamãe via-se que lhe queria bem. Uma vez, nas primeiras aulas, dissera que eu parecia com minha mãe. Então, nos momentos em que nos comparava, quando olhava alguns traços de minha mãe e depois os meus, era como se seus olhos negros tirassem um pouco de simpatia dos traços de minha mãe e pusesse nos meus. Mas de repente ficava olhando os meus instantinho mais, e era então que encontrava algo de diferente, quando descobria o novo que havia em minha pessoa e quando eu começava a desejar que ela continuasse a se preocupar comigo. Além do mais, eu não seria diferente de minha mãe apenas em alguns traços, mas também em algumas maneiras de ser. Eu tinha um jeito de ficar parado ao lado de uma cadeira, com um braço recostado no espaldar e a perna cruzada, que minha mãe não tinha.

**\***

Como eu sempre tinha dificuldade para enganar as pessoas mais velhas – refiro-me a um dos enganos que se prolongam até que se torne difícil que as pessoas mais velhas os descubram -, exatamente por isso não acreditei ter enganado Celina com minhas poses até muito tempo depois, quando ela chamou a atenção de minha mãe sobre a minha condição natural de ficar sempre numa boa postura. E sobretudo não acreditei, porque também haviam comentado as poses em que algumas pessoas ficavam enquanto dormiam. E isso estava certo. Quase diria que essa verdade havia acolhido e envolvido carinhosamente minha mentira. A princípio a observação de Celina me causou estranheza e emoção. Ela não sabia que sentimentos meus havia sacudido. Primeiro eu estava tão tranquilo como um copo de água em cima de uma mesa; depois ela passara muito perto e sem perceber tinha tropeçado na mesa e agitado a água do copo.

A mim me parecia mentira que tivesse conseguido enganá-la. Em seguida comecei a olhar para ela, querendo saber se ria de mim; depois pensei seu realmente não poderia fazer as poses sem querer. E por último lembrei que quando Celina havia me inspirado a ideia de que eu devia lhe agradar, quando me dava tanto prazer supor o que ela pensaria de mim e quando comecei a crer que eu teria algo, um não-sei-quê de interessante, então decidi cuidar de minhas poses e firmei o propósito de procurar chamar continuamente a atenção dela com um modo de ser original e cheio de novidades.

Essas lembranças foram me tranquilizando, como se a água do copo que estava na mesa em que Celina havia tropeçado sem querer, tivesse tornado a ficar quieta. Agora que eu tinha conseguido enganá-la – como poderia enganar qualquer pessoa mais velha, sobretudo estando em visita – me sentia mais independente, mais pessoal: e até poderia encontrar um jeito de Celina se apaixonar por mim. Mas, claro, isto era muito difícil; e além do mais, como era muito tímido, não me atreveria a perguntar a ninguém como se fazia. Teria de me conformar a continuar sendo interessante, ter algo de novo, e esperar que ela me desse alguma demonstração. Enquanto isso eu iria buscando sua ternura e escondendo-me entre os arbustos que haveria à beira de um dos caminhos que me levariam para ela. Além disso, se ela tivesse a ternura que eu pensava, entraria no meu silêncio e adivinharia o meu desejo. Eu não podia deixar de supor como seria uma pessoa severa no momento de se abrandar, de ser terna com alguém a quem quisesse bem. Talvez aquela mão nodosa, que tinha uma cicatriz, se abrandasse para fazer uma carícia e não importasse nada o grosso pano negro que lhe chegava até os punhos. Talvez tudo isso fosse lindo e tivesse graça, como tinham todos os objetos ao receberem os sons que se erguiam do piano. Quem sabe enquanto me fizesse uma carícia, inclinaria a cabeça, como no momento de acender o abajur, quando pouco importava ao piano, como a um velho sonolento, que lhe pusessem aquela luz no flanco.

**\***

Agora Celina havia partido em pedaços todos os caminhos; e havia quebrado segredos antes de saber como eram seus conteúdos. Claro que de qualquer maneira todas as pessoas mais velhas estavam cheias de segredos. Embora falassem com palavras fortes, essas palavras vinham rodeadas por outras que não se ouviam. Às vezes estavam de acordo, apesar de dizerem coisas diferentes, e era tão surpreendente como se, julgando estar de frente, se dessem as costas, ou, julgando estar na presença um do outro, andassem por lugares diferentes e afastados. Como eu era menino, tinha liberdade de andar ao redor dos móveis onde essas pessoas estavam sentadas; e também me deixavam andar ao redor das palavras que elas utilizavam. Mas agora eu não tinha mais vontade de procurar segredos. Depois da aula em que Celina me bateu com o lápis, nos tratávamos com o cuidado dos que ao caminhar se esquivam dos pedaços de coisas partidas. Daí por diante, tive o pesar de que nossa confiança fosse clara mas desoladora, pois a violência havia feito as ilusões voarem. A claridade era tão inoportuna como se no cinema e no meio de um drama houvessem acendido a luz. Ela tinha minha inocência em suas mãos, como teve em outro tempo a de minha mãe.

Quando chegamos em casa – aquela noite em que Celina me bateu e que minha avó me ameaçou na rua -, não me castigaram. O caminho estava escuro; minha avó decifrava os vultos que íamos encontrando. Alguns eram coisas quietas, pilares, pedras, troncos de árvores, outros eram pessoas que vinham em direção contrária, e até encontramos um cavalo perdido. Enquanto essas coisas aconteciam, passou a irritação de minha avó e a ameaça ficou nos vultos do caminho ou no lombo do cavalo perdido.

Em casa descobriram que eu estava triste; atribuíram-no ao inusitado castigo de Celina, mas não suspeitaram do que havia entre mim e ela.

**\***

Foi numa dessas noites em que eu estava triste e já estava deitado, e as coisas em que pensava iam se aproximando do sono, quando comecei a sentir a presença das pessoas como móveis que mudassem de posição. Pensei nisso muitas noites. Eram móveis que além de poder estar quietos se moviam; e moviam-se por vontade própria. Eu queria bem aos móveis que estavam quietos, e eles não me exigiam nada; mas os móveis que se moviam não só exigiam que eu gostasse deles e lhes desse um beijo, mas tinham outras exigências piores: e, além do mais, abriam suas portas de repente, e deitavam tudo em cima da gente. Mas nem sempre as surpresas eram violentas e desagradáveis; algumas surpreendiam com lentidão e silêncio, como se fossem abrindo uma gaveta por debaixo e começassem a mostrar objetos desconhecidos. (Celina mantinha suas gavetas fechadas a chave.) Havia também outras pessoas que eram móveis fechados, mas tão agradáveis, que se a gente fazia silêncio, sentia que tinham música por dentro, como instrumentos que tocassem sozinhos. Uma tia era como um guarda-roupa de espelhos colocado num canto em frente das portas: não havia nada que não caísse em seus espelhos e era preciso consultá-lo até para se vestir. O piano era uma boa pessoa. Eu me sentava perto dele; com uns poucos dedos meus apertava muitos dos seus, fossem brancos ou pretos: em seguida gotas de sons saíam dele; e, combinando os dedos e os sons, nós dois ficávamos tristes.

Uma noite tive um sonho estranho. Estava na sala de jantar de Celina. Havia uma família de móveis loiros: o aparador e uma mesa com todas as cadeiras ao redor. Depois Celina corria em volta da mesa; era um pouco diferente, dava saltos como uma menina e eu a perseguia com um palito que tinha um papel envolto na ponta.

**\***

Ocorreu algo imprevisto e tive de interromper esta narração. Faz dias que estou parado. Não só não posso escrever, mas tenho de fazer um grande esforço para viver neste tempo de agora, para poder tocar a vida para a frente. Sem querer havia começado a viver para trás, e chegou um momento em que não podia viver muitos acontecimentos nem sequer daquele tempo, de modo que me detive em alguns poucos, talvez um só; preferia passar o dia e a noite sentado ou deitado. Afinal havia perdido até o desejo de escrever. E era precisamente está a última amarra com o presente. Mas antes que essa amarra se soltasse, ocorreu o seguinte: eu estava vivendo tranquilo numa das noites daqueles tempos. Apesar de andar a passos lentos, de sonâmbulo, de repente tropecei numa pequena ideia que me fez cair num instante cheio de acontecimentos. Caí num lugar que era como que um centro de estranha atração, no qual me esperavam uns quantos segredos disfarçados. Eles assaltaram meus pensamentos, os amarraram e desde esse momento ando forcejando. A princípio, depois de passada a surpresa, tive o impulso de denunciar os segredos. Depois comecei a sentir uma lassidão, um certo prazer morno em continuar olhando, dando atenção ao trabalho silencioso daqueles segredos, e fui me afundando no prazer sem me preocupar em desamarrar meus pensamentos. Mas ao mesmo tempo outra coisa aconteceu. Entre os pensamentos que os segredos disfarçados haviam amarrado, houve um que em poucos dias se desamarrou sozinho. Então eu pensava: “Se ficar muito tempo lembrando esses instantes do passado, nunca mais poderei sair deles e ficarei louco: serei como um desses infelizes que permaneceram com um segredo do passado pela vida toda. Tenho que remar para o presente com todas as minhas forças”.

**\***

“Até poucos dias atrás eu escrevia e por isso estava no presente. Agora farei o mesmo, embora a única terra firme que tenha por perto seja a ilha onde está a casa de Celina, e seja preciso voltar à mesma coisa. Vou revisá-la de novo: talvez não tenha procurado bem.” Então, quando me dispus a voltar àquelas mesmas lembranças, me deparei com muitas coisas estranhas. A maior parte delas não acontecera naqueles tempos de Celina, mas agora há pouco, enquanto lembrava, enquanto escrevia e enquanto me chegavam relações obscuras ou não compreendidas de todo, entre os fatos que ocorreram depois, em todos os anos que continuei vivendo. Não acertava a reconhecer completamente a mim mesmo, não sabia bem que movimentos temperamentais semelhantes havia naqueles fatos e os que se produziram depois; se uns e outros não seriam diferentes disfarces de um mesmo mistério.

Por isso é que agora tentarei relatar o que me aconteceu faz pouco tempo, enquanto recordava aquele passado.

**\***

Numa noite de verão ia eu caminhando para meu quarto, cansado e deprimido. Entregava-me à inércia que se apossa dos pensamentos quando a gente sente a necessidade maligna de amontoá-los porque sim, para se sentir mais desgraçado e se convencer de que a vida não tem encanto mesmo. Talvez a decepção se manifestasse no fato de não me importar em brincar com o perigo e que as coisas pudessem chegar a ser realmente assim; ou talvez me preparasse para que no outro dia tudo começasse de novo, e tirasse mais encanto de uma pobreza mais funda. Talvez, enquanto me entregava à desilusão, tivesse bem guardadas no fundo do bolso as últimas moedas.

Quando cheguei em casa ainda se viam sob as árvores tortas e sem poda as camisas brancas dos vizinhos que tomavam ar fresco. Depois de deitado e com a luz apagada, dava gosto queixar-se e ser pessimista, estirando o corpo lentamente entre lençóis mais brancos que as camisas dos vizinhos.

**\***

Foi numa dessas noites em que fazia a recontagem dos anos passados como de moedas que houvesse deixado resvalar dos dedos sem muito cuidado, que a lembrança de Celina me visitou. Isso não me causou estranheza, como não me estranharia receber de tempos em tempos a visita de uma velha amizade. Por mais cansado que estivesse, sempre poderia mostrar um sorriso para o recém-chegado. A lembrança de Celina voltou no outro dia e nos seguintes. Já era de confiança e eu podia deixa-la sozinha, dar atenção a outras coisas e depois voltar a ela. Mas enquanto a deixava só, ela fazia em minha casa o que eu não sabia. Não sei que pequenas coisas mudava nem se estabelecia relação com outras pessoas que agora viviam perto. Até me pareceu, uma vez em que chegou e me cumprimentou, que olhou para além de mim, e deve ter se entendido com alguém que estava no fundo. Mas não só essa como outras lembranças olhavam mais além de mim; alguns pensamentos também me atravessaram e se afastavam depois de ter estado pouco tempo em minha tristeza.

E foi numa noite em que despertei angustiado que me dei conta de que não estava só no meu quarto: o outro seria um amigo. Talvez não fosse exatamente um amigo: podia muito bem ser um sócio. Eu sentia a angustia de quem descobre que sem saber esteve trabalhando em sociedade com outro e que foi o outro quem se encarregou de tudo. Não era preciso ir buscar as provas: elas vinham escondidas atrás das suspeitas como vultos atrás de um pano; invadiam o presente, tomavam todas as suas posições e eu pensava que tinha sido ele, meu sócio, quem havia se entendido por sobre o meu ombro com minhas próprias lembranças, e pretendia especular com elas: foi ele quem escreveu a narração. Com razão eu desconfiava da precisão que havia no relato quando Celina aparecia! A mim, realmente a mim, ocorria outra coisa. Então tratei de ficar só, de ser eu só, de saber como eu me lembrava. E assim esperei que as coisas e as lembranças voltassem a ocorrer de novo.

**\***

Na última noitada de meu teatro da recordação há um instante em que Celina entra e eu não sei que a estou recordando. Ela simplesmente entra, e nesse momento eu estou ocupado em senti-la. Em algum instante fugaz, tenho tempo de me dar conta de que um ar de prazer passou por mim porque ela veio. A alma se acomoda para recordar como o corpo se acomoda na poltrona de um cinema. Não posso pensar se a projeção é nítida, se estou sentado muito atrás, quem são os meus vizinhos ou se alguém me observa. Não sei se sou eu mesmo ou alguém me preparou e me trouxe para o momento da recordação. Não estranharia que tivesse sido a própria Celina: desde aqueles tempos eu poderia ter saído de seu lado com fios que se alongam rumo ao futuro, e ela ainda os manipularia.

Celina nem sempre entra na lembrança como entrava pela porta de sua sala: às vezes entra já estando sentada ao lado do piano, ou no momento de acender o abajur. Eu mesmo, com meus olhos de agora, não a recordo: recordo os olhos que naquele tempo a olhavam; aqueles olhos transmitem a estes suas imagens; e também transmitem o sentimento em que as imagens se movem. Nesse sentimento há uma ternura original. Os olhos do menino estão assombrados, mas não olham fixamente. Celina tão logo esboça um movimento, já termina de fazê-lo; mas esses movimentos não roçam nenhum ar em nenhum espaço: são movimentos de olhos que recordam.

**\***

Minha mãe ou minha avó pediram-lhe para tocar e ela se senta diante do piano. Minha avó pensará: “A professora vai tocar”; minha mãe: “Celina vai tocar”; e eu: “Ela vai tocar”. Certamente é verão, porque a luz do abajur produz transparências nos sinos brancos de suas mangas e em seus braços nus; eles se movem fazendo ondas que vão terminar nas mãos, nas teclas e nos sons. No verão sinto mais o gosto da noite, das sombras com reflexos de plantas, das notícias surpreendentes, à espera de que algo aconteça, pelos medos equivocados, pelos devaneios, pelos pesadelos e pelas comidas gostosas. E também sinto mais o gosto de Celina. Ela não tem apenas o gosto que eu provo na boca. Todos os seus movimentos têm o gosto dela, assim como as roupas e as formas de seu corpo. Naquele tempo sua voz também devia ter o gosto dela; mas agora eu não recordo diretamente nada que seja de ouvir; nem sua voz, nem o piano, nem o ruído da rua; recordo outras coisas que ocorriam quando no ar havia som. O cinema das minha lembranças é mudo. Se para recordar posso usar meus olhos velhos, meus ouvidos são surdos para as recordações.

**\***

Agora passaram uns instantes em que a imaginação, como um inseto noturno, saiu da sala para recordar os gostos do verão e voou distâncias que nem a vertigem nem a noite conhecem. Mas a imaginação tampouco sabe quem é a noite, quem dentro dela escolhe lugares da paisagem, onde um cavador revolve a terra da memória e a semeia de novo. Ao mesmo tempo alguém lança pedaços do passado aos pés da imaginação; a imaginação escolhe, pressurosa, com um pequeno lampião que move, agita e mistura os pedaços e as sombras. De repente deixa cair o pequeno lampião na terra da memória e tudo se apaga. Então a imaginação volta a ser o inseto que voa, esquecendo as distâncias, e pousa na beira do presente. Agora, o presente em que caiu é outra vez a sala de Celina e neste momento, Celina não toca piano. O inseto que voa na recordação retrocedeu no tempo e chegou um pouco antes de Celina sentar-se ao piano. Minha avó e minha mãe tornam a lhe pedir para tocar, e o fazem de uma maneira diferente da primeira vez. Nesta outra visão Celina diz que não recorda.

Fica nervosa e, ao dirigir-se ao piano, tropeça numa cadeira – que deve fazer algum ruído -; nós não devemos nos dar conta disso. Ela foi tomada por uma inércia de forte impulso e supera o acidente, esquecendo-o no ato. Senta-se ao piano; nós desejamos que não lhe aconteça nada desagradável. Já vai começar, e mal temos tempo de supor que será algo muito importante, que depois contaremos às nossas relações. Como Celina está nervosa e também compreende que é a professora que vai tocar, minha avó e minha mãe tratam de lhe oferecer um pouco de sucesso adiantado; fazem transbordar suas melhores suposições e estão esperando ansiosamente que Celina comece a tocar, para colocar e acomodar na realidade o que haviam pensado antes.

**\***

As coisas que eu tenho de imaginar são muito preguiçosas e demoram muito se arrumando para vir. É como quando espero o sono. Há ruídos a que logo me acostumo, e posso imaginar ou dormir como se eles não existissem. Mas o ruído e os pequenos acontecimentos com que aquelas três mulheres enchiam a sala sacudiam minha cabeça para todos os lados. Quando Celina começou a tocar, me entretive recebendo o que me chegava aos olhos e aos ouvidos; ia me acostumando rápido demais ao que ocorria, sem me surpreender e sem dar muito valor ao que ela fazia.

Minha mãe e minha avó permaneceram como que no início de um suspiro e talvez estivessem com medo de que, no instante preciso em que tivessem de realizar o supremo esforço para compreender, suas asas fossem tão pobres e de tão curto alcance como as das galinhas.

É possível que, passados os primeiros momentos, eu tenha me entediado muito.

\*

Detive-me novamente. Estou muito cansado. Tive de montar guarda ao redor de mim mesmo para que ele, o meu sócio, não entrasse no instante das recordações. Já disse que quero ser somente eu. Entretanto, para evitar que ele venha, tenho de pensar sempre nele; com um pedaço de mim mesmo, formei a sentinela que faz a guarda de minhas recordações e de meus pensamentos; mas ao mesmo tempo devo vigiar a sentinela para que ela não se entretenha com o relato das recordações e adormeça. E ainda tenho que lhe emprestar meus próprios olhos, meus olhos de agora.

**\***

Meus olhos agora são insistentes, cruéis, exigem um grande esforço dos olhos daquele menino que deve estar cansado e já velho. Além do mais, tem de ver tudo ao contrário; não lhe é permitido recordar seu passado: ele tem de fazer o milagre de recordar na direção do futuro. Mas, por que é que eu, sentindo-me eu mesmo, de repente vejo tudo diferente? Será que meu sócio usa meus olhos? Será que temos olhos comuns? Minha sentinela terá adormecido e ele terá roubado meus olhos? Acaso não lhe basta ver o que acontece na rua através das janelas de meu quarto, mas também quer ver através de meus olhos? Ele é capaz de abrir os olhos de um morto para registrar seu conteúdo. Ele acossa e persegue os olhos daquele menino; olha fixo e esquadrinha cada peça da recordação como se desmontasse um relógio. O menino fica assustado e a cada momento interrompe a sua visão. O menino não sabe ainda – e é possível que jamais o saiba – que suas imagens são incompletas e incongruentes; não tem ideia do tempo e deve ter fundido muitas horas e muitas noites numa só. Confundiu movimentos de muitas pessoas; julgou encontrar sentimentos parecidos em seres distintos e cometeu equívocos cheios de encanto. Os olhos de agora sabem essas coisas, mas ignoram muitas outras; ignoram que as imagens se alimentam de movimento e que têm de viver num sentimento adormecido. Meu sócio detém as imagens e o sentimento desperta. Crava o olhar nas imagens como se espetasse borboletas num álbum. Embora as imagens do menino pareçam estar quietas, da mesma forma se alimentam de movimento: há alguém que faz os movimentos latejar e sonhar. É esse que meus olhos de agora atraiçoam. Quando os olhos do menino pegam uma parte das coisas, ele supõe que elas estejam inteiras. (E como para os sonhos, para o menino não importa se suas imagens são parecidas às da vida real ou se são completas: ele procede como se o fossem, e nada mais.) Quando o menino olhava o braço nu de Celina, sentia que toda ela estava naquele braço. Os olhos de agora querem fixar-se na boca de Celina e se deparam com o fato de não poderem saber como era a forma de seus lábios em relação às demais coisas da cara; querem apanhar uma coisa e ficam sem nenhuma; as partes perderam a misteriosa relação que as unia; perdem seu equilíbrio, separam-se, e se detém o jogo espontâneo de suas proporções: parecem feitas por um mau desenhista. Se lhe ocorre articular os lábios para ver se encontra palavras, os movimentos são tão falsos como os de uma desajeitada boneca de corda.

Há um só instante em que os olhos de agora vêem bem: é o instante fugaz em que se encontram com os olhos do menino. Então os olhos de agora se precipitam vorazmente sobre as imagens, acreditando que o encontro será longo e que chegarão a tempo. Mas os olhos do menino estão defendidos por uma inocência que vive invisível no ar do mundo. Os olhos de agora persistem, entretanto, até se cansarem. Antes de dormir, meu sócio ainda tenta recordar a cara de Celina, e ao mover a água da recordação as imagens que estão debaixo se deformam como vistas em espelhos ordinários onde as imperfeições do vidro se movessem.

Acabo de me dar conta de que a recordação passou quando sinto nos olhos um incômodo físico, presente, como uma ardência de lágrimas que secaram nas pálpebras.

**\***

Poucos dias atrás, ao anoitecer, produziu-se um acontecimento estranho e sem precedentes em minha pessoa. Antes, por mais esquisito que fosse o que ocorresse, sempre achava algum precedente: em algum lugar da alma estivera escondido um princípio daquele acontecimento, alguma outra vez já havia começado a se ensaiar na minha existência uma passagem – quem sabe um argumento – daquela última representação. Mas faz poucos dias, ao anoitecer, inaugurou-se em mim uma função sem anúncio prévio. Não sei se a companhia teatral havia se equivocado de teatro, ou simplesmente o tomara de assalto. Se chamasse de doença aquele meu estado ao anoitecer, eu diria que não sabia que estava predisposto a tê-la; e essa doença fosse um castigo, diria que haviam se enganado quanto à pessoa do delito. Não era o caso de que eu sentisse um sócio perto de mim: durante algumas horas, eu, completamente eu, fui outra pessoa: a doença trazia consigo a condição de me mudar. Eu estava na situação de alguém que a vida toda supôs que a loucura fosse de uma maneira; um belo dia, quem a padece é outro, tornou-se outro, e a esse outro não interessa saber como é a loucura: ele se acha metido nela ou ela se instalou nele e nada mais.

**\***

Enquanto eu não havia deixado totalmente de ser quem era, e enquanto não era quem estava destinado a ser, tive tempo de sofrer angústias muito particulares. Entre a pessoa que fui e o sujeito que ia ser, restaria uma coisa em comum: as recordações. Mas, à medida que as recordações iam sendo do sujeito que eu seria, apesar de conservarem os mesmos limites visuais e organização semelhante dos dados, iam tendo uma alma diferente. No sujeito que eu seria começava a se insinuar um sorriso de prestamista, diante da valorização das recordações que faz quem as leva para empenhar. Para as mãos do prestamista das recordações pesava outra qualidade delas: não o passado pessoal, carregado de sentimentos íntimos e particulares, mas o peso do valor intrínseco.

**\***

Depois vinha outra etapa: o sorriso amargava, e o prestamista das recordações já não pesava nada em suas mãos: deparavam-se com recordações de areia, recordações que assinalavam, simplesmente, um tempo que havia passado: o prestamista roubara recordações e tempos sem valor. Mas veio uma etapa ainda pior. Quando o prestamista tinha um sorriso amargo por ter roubado inutilmente, ainda lhe restava a alma. Depois chegou a etapa da indiferença. O sorriso se apagou, e ele chegou a ser quem estava sendo chamado a ser: um desinteressado, um vagão desatrelado da vida.

**\***

A princípio, quando naquele anoitecer comecei a recordar e a ser outro, via minha vida passada, como um quarto contíguo. Antes eu estivera e vivera nesse quarto; ainda por cima, esse quarto havia sido meu. E agora o via a partir de outro, de meu quarto de agora, e sem perceber bem que distância de espaço ou de tempo havia entre os dois. Nesse quarto contíguo, via meu pobre eu de antes, quando eu era inocente. E não só o via sentado ao piano com Celina e o abajur de lado, rodeado pela avó e pela mãe, tão ignorantes do amor fracassado. Via também outros amores. De todos os lugares e de todos os tempos chegavam pessoas, móveis e sentimentos para uma cerimônia que os “habitantes” da sala de Celina haviam iniciado. Mas, embora no momento da chegada se misturassem e se confundissem – como se pedaços de velhos filmes se embaralhassem –, em seguida ficavam separados, e se reconheciam, e se juntavam os que haviam pertencido a uma mesma sala; escolhiam-se com um instinto cheio de segurança – embora reflexões posteriores demonstrassem o contrário. (Alguns, mesmo depois dessas reflexões, se negavam a se separar, e por fim não tinham mais remédio senão conformar-se. Outros insistiam e conseguiam perturbar ou confundir as reflexões. E havia outros que desapareciam com a rapidez com que o vento leva um papel de nossa mesa. Alguns dos que desapareciam como que soprados, voavam indecisos, levavam nossos olhos atrás de seu vôo, e víamos que iam cair noutro lugar conhecido). Feitas estas ressalvas, posso dizer que todos os lugares, tempos e recordações que simpatizavam com aquela cerimônia e para ela concorriam, por mais unidos que estivessem os fios e as sutis relações, tinham a virtude de ignorar absolutamente a existência de outros que não fossem da sua mesma estirpe. Quando uma estirpe ensaiava a recordação da sua história, costumava ficar um bom tempo no lugar contíguo ao que eu estava quando observava. De repente paravam, começavam uma cena de novo ou ensaiavam outra que havia sido muito anterior. Mas as paradas e mudanças bruscas eram amortecidas como se os tropeços fossem dados por passos de seda. Jamais se envergonhavam de terem se equivocado, e o sorriso tardava muito a se cansar ou a se deformar, pois se repetia mil vezes. Um sentimento ofegante que buscava algum detalhe perdido na ação sempre animava tudo de novo. Quando um detalhe alheio trazia a estirpe que correspondia ao intruso, a anterior se desvanecia; e se de tempos em tempos aparecia de novo, aparecia sem ressentimento.

**\***

A simpatia que unia essas estirpes, desconhecidas entre si e dispostas a jamais sequer se olharem, estava por cima de suas cabeças; era um céu de inocência e um mesmo ar que todos respiravam. Além de se reunirem num mesmo lugar e num tempo próximo para a cerimônia e os ensaios da recordação, tinham outra coisa em comum: era como uma mesma orquestra que tocasse para diferentes balés; todos recebiam o compasso que marcava a respiração de quem os olhava. Mas aquele que os olhava – isto é, eu, quando me faltava muito pouco para começar a ser outro – sentia que os habitantes daquelas recordações, apesar de serem dirigidos por quem os olhava e de seguirem seus caprichos com tanta mágica docilidade, tinham escondida, ao mesmo tempo, uma vontade própria cheia de orgulho. No caminho do tempo que passou desde que eles atuaram pela primeira vez – quando não eram recordações – até agora, parecia que tivessem se encontrado com alguém que lhes falou mal de mim e que desde então mantivessem certa independência; e agora, embora não tivessem mais remédio senão estar sob minhas ordens, cumpriam sua missão em meio a um silêncio suspeito; eu me dava conta de que não me queriam bem, de que não me olhavam, de que cumpriam resignadamente um destino imposto por mim, mas sem recordar sequer a forma de minha pessoa: se eu tivesse entrado no âmbito deles, com certeza não teriam me reconhecido. Além do mais, viviam uma qualidade de existência que não me permitia tocá-los, falar com eles ou ser ouvido; eu estava condenado a ser alguém de agora; e se quisesse repetir aqueles fatos, jamais seriam os mesmos. Aqueles fatos eram de outro mundo, e seria inútil correr atrás deles Mas por que eu não podia ser feliz vendo aqueles habitantes viverem em seu mundo? Seria minha respiração que os embaçava ou lhes causava dano porque agora eu teria alguma doença? Aquelas recordações seriam como meninos que de repente sentissem alguma repulsa instintiva pelos pais ou pensassem mal deles? Teria eu de renunciar a essas recordações como um mau pai renuncia a seu filho? Infelizmente, algo assim acontecia.

**\***

No quarto que eu ocupava agora, também havia recordações. Mas estas não respiravam o ar de nenhum céu de inocência, nem tinham o orgulho de pertencer a estirpe alguma. Estavam fatalmente ligadas a um homem que tinha rabo-de-palha, e entre eles existia o entendimento da cumplicidade. As recordações não vinham de lugares longínquos, nem traziam passos de dança; vinham de debaixo da terra, estavam carregadas de remorsos e se arrastavam num ambiente pesado, mesmo nas horas mais luminosas do dia.

**\***

É angustiante e confusa a história que se fez em minha vida, desde que fui o menino de Celina até que cheguei a ser o homem de rabo-de-palha.

Algumas mulheres viam o menino de Celina enquanto conversavam com o homem. Eu não sabia que esse menino era visível no homem. Mas foi o próprio menino quem observou e me disse que ele estava visível em mim, que aquelas mulheres olhavam para ele e não para mim. E sobretudo foi ele quem as atraiu e as enganou primeiro. Depois o homem as enganou, valendo-se do menino. O homem aprendeu a enganar como as crianças enganam; e teve muito o que aprender e o que copiar. Mas não contou com os remorsos, nem com tantos enganos, pois, embora fossem aplicados a umas poucas pessoas, estas se multiplicavam nos fatos e nas recordações de muitos instantes do dia e da noite. Por isso é que o homem pretendia fugir dos remorsos e queria entrar no quarto que tivera antes, onde agora os habitantes da sala de Celina haviam iniciado a cerimônia. Mas a tristeza de que naquelas estirpes não o quisessem e que nem sequer o olhassem aumentava cada vez mais, ao recordar algumas das pessoas enganadas. O homem as tinha enganado com as artimanhas do menino; mas depois o menino havia enganado o próprio homem que utilizava, porque o homem havia se apaixonado por algumas de suas vítimas. Eram amores tardios, como se fossem de uma perversidade longínqua ou lendária. E isso não foi o mais grave. O pior foi que o menino, com sua força e sua atração, conseguiu seduzir o próprio homem que ele foi depois; porque os encantos do menino foram maiores que os do homem, e porque a vida encantava mais ao menino que ao homem.

**\***

E foi nas horas daquele anoitecer, ao me dar conta de que eu já não podia ter acesso à cerimônia das estirpes que viviam sob o mesmo céu de inocência, que comecei a ser outro.

Primeiro havia compreendido que os representantes daquelas estirpes não olhavam para mim porque eu estava do outro lado das recordações, dos que tinham o lombo carregado de remorsos; e a carga estava tão bem colada quanto a corcova dos camelos. Depois compreendi que os dois lados das recordações eram como que os dois lados de meu corpo: eu me apoiava num ou noutro, mudava de posição como quem não pode dormir, e não sabia sobre qual dos dois cairia a sorte do sono. Mas antes de dormir estava a expensas das recordações, como um espectador obrigado a presenciar o trabalho de duas companhias de qualidade muito distinta e sem saber que cenário e que recordações se iluminariam primeiro, como seria sua alternância e as relações que teriam os que atuavam, pois as companhias tinham um local e um empresário comum, era quase sempre um mesmo autor que participava, e sempre trabalhavam um menino e um homem.

**\***

Então, quando soube que não podia prescindir daqueles espetáculos, que apesar de serem tão imprecisos e atuarem num tempo tão misturado, tinham influência tão forte na vida que se dirigia para o futuro, então comecei a ser outro, a mudar o presente e o caminho do futuro, a ser o prestamista que já não pesava nada em suas mãos, e tratei de suprimir o espaço onde se produziam todos os espetáculos da recordação. Tinha uma grande preguiça de sentir; não queria ter sentimentos nem sofrer com recordações que agiam entre si como inimigos irreconciliáveis. E como não tinha sentimentos, havia perdido até a tristeza por mim mesmo: nem sequer me sentia triste pelo fato de as recordações ocuparem um lugar inútil. Eu também me tornara tão inútil como se ficasse fazendo a guarda ao redor de uma fortaleza sem soldados, armas ou víveres.

Só me restara o hábito de dar passos e de olhar como chegavam os pensamentos: eram como animais que tinham o costume de vir beber num lugar onde já não havia mais água. Nenhum pensamento carregava sentimentos: podia pensar, tranquilamente, em coisas tristes: eram somente pensadas. Agora se aproximavam de mim as recordações como se eu estivesse estendido sob uma árvore e me caíssem folhas em cima: eu as veria e as recordaria porque haviam caído sobre mim, e porque as tinha em cima de mim. As novas lembranças seriam com trouxas de roupa que pusessem na minha cabeça: ao continuar caminhando sentiria o peso nela e nada mais. Eu era como aquele cavalo perdido da infância: agora trazia uma carroça atrás e qualquer um poderia carregá-la com coisas: não as levaria para nenhum lado, e logo me cansaria.

Naquela noite, depois de um tempo deitado, abri as pálpebras e a escuridão me deixou os olhos vazios. Mas ali mesmo começaram a se levantar esqueletos de pensamentos – não sei que vermes teriam comido sua ternura. E enquanto isso, a mim me parecia que eu ia abrindo, com a mais preguiçosa lentidão, um guarda-chuva sem pano.

Assim passei as horas em que fui outro. Depois adormeci e sonhei que estava numa imensa jaula, acompanhado de pessoas que conhecera na infância; além disso, muitas novilhas saíam por uma porta para ir ao matadouro. Em meio às novilhas, havia uma menina que também levariam para matar. A menina dizia que não queria ir porque estava cansada, e toda aquela gente ria do modo como a inocente queria evitar a morte; mas para eles ir para a morte era uma coisa que tinha de ser assim, e não havia por que se afligir.

Quando despertei, percebi que no sonho, a menina era considerada novilha por mim também; eu tinha o sentimento de que ela era uma novilha; não sentia a diferença mais do que se fosse uma mera variante de forma, e era muito natural que fosse tratada como novilha. Contudo, ter dito que não queria ir porque estava cansada havia me comovido; e eu estava banhado em lágrimas.

**\***

Durante o sonho, a maré das angústias havia subido até quase me afogar. Mas agora me achava como que lançado numa praia e com um grande alívio. Ia sendo mais feliz, à medida que meus pensamentos apalpavam todos os meus sentimentos, e me encontrava comigo mesmo. Já não só não era outro, mas estava mais sensível do que nunca: qualquer pensamento, até a ideia de uma jarra com água, vinha cheio de ternura. Amava meus sapatos, que estavam sós, desamarrados e sempre tão companheiros um ao lado do outro. Sentia-me capaz de perdoar qualquer coisa, até os remorsos, – Antes seriam eles que tinham de me perdoar.

**\***

Ainda não era manhã. Em mim tudo ia se aclarando um pouco antes do que o dia. Havia pensado em escrever. Então meu sócio reapareceu: ele também se salvara: fora lançado em outro lugar da praia. E mal tinha eu pensado em escrever minhas recordações, já sabia que ele apareceria.

A princípio, meu sócio apareceu como de costume: esquivando sua presença física, mas ameaçando entrar na realidade sob a forma vulgar que traz qualquer pessoa que vem ao mundo. Porque antes daquela madrugada, eu estava num lugar e o mundo noutro. Entre o mundo e mim havia um ar muito espesso; nos dias muito claros eu podia ver o mundo através desse ar, e também padecer o barulho da rua e o murmúrio que fazem as pessoas quando falam. Meu sócio era o representante das pessoas que habitavam o mundo. Mas nem sempre era hostil comigo, e vinha roubar minhas recordações e especular com elas; às vezes, apresentava-se quase a ponto de bancar uma mãe que me prevenisse contra o perigo despertando-me o instinto de conservação; outras vezes me repreendia porque eu não saía do mundo; – e como se minha mãe me repreendesse, eu baixava os olhos e não o via –; também aparecia como um amigo que me aconselhava a escrever minhas memórias e despertava minha vaidade. A ocasião em que mais o apreciava era quando me sugeria a presença de amigos de quem eu havia gostado muito e que me ajudavam a escrever, dando-me sábios conselhos. Até fazia sentido, algumas vezes, que pusesse uma mão no meu ombro. Mas, outras vezes, eu não queria os conselhos nem a presença de meu sócio sob forma alguma. Era em certas etapas da doença da recordação: quando se abrizam as representações do drama dos remorsos e quando queria compreender alguma coisa do meu destino através das relações que havia em diferentes lembranças de diferentes épocas. Se padecia os remorsos numa grande solidão, depois me sentia com direito a um período mais ou menos longo de alívio; esse sofrimento era a comida que por mais tempo acalmava as feras do remorso. E o prazer maior estava em examinar diferentes lembranças para ver se encontrava um segredo que fosse comum a elas, se os diferentes fatos eram expressões equivalentes de um mesmo sentido de meu destino. Então, voltava a me encontrar com um sentimento esquecido de curiosidade infantil, como se fosse a uma casa que havia num canto de um bosque onde eu vivera rodeado de pessoas e agora revirasse os móveis e descobrisse segredos que naquele tempo eu não soubera – talvez outras pessoas os tivessem sabido. Esta era a tarefa que mais desejava fazer sozinho, porque meu sócio entraria nessa casa fazendo muito barulho e espantaria o silêncio que estava pousado sobre os objetos. Além disso, meu sócio traria muitas ideias da cidade, levaria com ele muitos objetos, mudaria a vida deles, e os colocaria como serventes daquelas ideias; de novo os pintaria, e eles perderiam a alma e as roupas. Mas meu terror maior era pelas coisas que suprimiria, pela crueldade com que limparia seus segredos, e porque os despojaria de sua real imprecisão como se tirasse o absurdo e o fantástico de um sonho.

**\***

Era então que eu disparava para longe de meu sócio; corria como um ladrão para o centro de um bosque para repassar sozinho minhas recordações e quando julgava estar isolado, começava a revisar os objetos e a tratar de rodeá-los de um ar e de um tempo passado para que pudessem viver de novo. Então empurrava minha consciência no sentido contrário àquele em que ela viera correndo até agora; queria voltar a levar seiva a plantas, raízes ou tecidos que já deviam estar mortos ou desagregados. Os dedos da consciência não só encontravam raízes de antes, mas ainda descobriam novas conexões; encontravam novos musgos e tratavam de seguir as ramificações; mas os dedos da consciência entravam numa água em que as pontas estavam submersas; e como essas terminações eram muito sutis e os dedos não tinham uma sensibilidade aguçada o bastante, a água confundia a direção das raízes e os dedos perdiam a pista. Por último, os dedos se desprendiam de minha consciência e procuravam sozinhos. Eu não sabia que velha relação havia entre meus dedos de agora e aquelas raízes; nem se aquelas raízes decidiram naqueles tempos que estes dedos de agora chegariam a ser assim e tomariam estas atitudes e estes caminhos de volta, para se encontrarem de novo com elas. Não podia pensar muito nisso, pois ouvia passos. Meu sócio estaria atrás de algum tronco ou escondido na copa de uma árvore. Eu voltava a empreender a fuga como se disparasse mais rumo ao centro de mim mesmo; tornava-se menor, encolhia-me e apertava-me até ficar como um micróbio perseguido por um sábio; mas bem sabia eu que meu sócio me seguiria, que ele também se transformaria noutro corpo microscópio, e giraria a meu redor atraído para o meu centro.

**\***

E enquanto ele me rodeava, eu também sabia em que coisas pensava, como respondia a meus pensamentos e a meus atos; quase diria que minhas próprias ideias chamavam as dele; às vezes, eu pensava nele com a fatalidade com que se pensa num inimigo, e as ideias dele me invadiam inexoravelmente. Além do mais, tinham a força que têm os costumes do mundo. E havia costumes que me davam uma grande variedade de tristezas. Entretanto, naquela madrugada eu me reconciliei com meu sócio. Eu também tinha uma variedade de costumes tristes; e embora os meus não caíssem bem com os do mundo, eu devia tratar de misturá-los. Como eu queria entrar no mundo, me propus entender-me com ele e deixei que um pouco de minha ternura se derramasse por cima de todas as coisas e das pessoas. Então descobri que meu sócio era o mundo. De nada valia que quisesse me separar dele. Dele havia recebido a comida e as palavras. Além do mais, quando meu sócio não era mais que o representante de alguma pessoa – agora ele representava o mundo inteiro –, enquanto eu escrevia as recordações de Celina, ele foi um camarada infatigável e me ajudou a converter as recordações – sem suprimir as que traziam remorsos – numa coisa escrita. E isso me fez muito bem. Perdôo os sorrisos que dava quando eu me negava a colocar minhas lembranças num quadriculado de espaço e tempo. Perdôo sua maneira de bater o pé quando se impacientava com minha inescrupulosa procura dos últimos filamentos do tecido da recordação; até que as pontas submergissem e se perdessem n’água; até que os últimos movimentos não roçassem ar algum, em nenhum espaço.

Em troca devo agradecer-lhe que me seguisse quando de noite eu ia à beira de um rio ver correr a água da recordação. Quando eu pegava um pouco d’água numa vasilha e ficava triste porque essa água era pouca e não corria, ele havia me ajudado a inventar recipientes para guardá-la e me consolara, contemplando a água nas formas variadas das vasilhas de louça. Depois havíamos inventado uma embarcação para cruzar o rio e chegar à ilha onde estava a casa de Celina. Havíamos levado pensamentos que lutavam corpo a corpo com as recordações; em sua luta haviam derrubado e mudado de posição muitas coisas; e é possível que tenha havido objetos que tenham se perdido sob os móveis. Também devemos ter perdido outros pelo caminho; porque quando abríamos a trouxa do saque, tudo mudara para menos, restavam pouquinhos ossos e o nosso pequeno lampião caía na terra da memória.

Contudo, na manhã seguinte, voltávamos a converter em coisa escrita o pouco que havíamos juntado durante a noite.

**\***

Mas eu sei que o abajur que Celina acendia naquelas noites não é o mesmo que agora se acende na recordação. A cara dela e as demais coisas que receberam aquela luz também estão cegas por um tempo imenso que se fez por cima do mundo. E escondido no ar daquele céu houve também um céu de tempo: foi ele que tirou a memória dos objetos. Por isso é que eles não se lembram de mim. Mas eu recordo a todos eles e com eles cresci e cruzei o ar de muitos tempos, caminhos e cidades. Agora, quando as recordações se escondem no ar escuro da noite e aquela lâmpada mal se acende, volto a me dar conta de que eles não me reconhecem e que a ternura, além de ter se tornado distante, também se tornou alheia. Celina e todos aqueles habitantes de sua sala me olham de lado; e se me olham de frente, seus olhares passam através de mim, como se houvesse alguém atrás, ou como se naquelas noites eu não tivesse estado presente. São como rostos de loucos que há muito se esqueceram do mundo. Aqueles espectros não me pertencem. Será que o abajur de Celina e as cadeiras e seu piano estão zangados comigo porque nunca mais voltei àquela casa? Creio, entretanto, que aquele menino se foi com eles, e vivem todos juntos com outras pessoas, e é deles que os móveis se recordam. Agora eu sou outro, quero recordar aquele menino e não posso. Não sei como ele é, olhado a partir de mim. Fiquei com alguma coisa dele e guardo muitos dos objetos que estiveram em seus olhos; mas não posso encontrar os olhares que aqueles “habitantes” puseram nele.

*Montevidéu, 1943.*